MEDEIROS[1], Ewerton E. F.; SALLES[2], Nara. **A performatização das peles**. Natal: UFRN. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGArC/UFRN, Especialista em Cinema/UFRN, Bacharel em Moda/FASM; Doutora em Artes Cênicas/PPGAC/UFBA, Mestre em Antropologia/PPGA/UFPE, Coordenadora do Curso de Teatro da UFRN, do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas e Espetaculares/NACE/CRUOR Arte Contemporânea e do Laboratório de Criação, Execução e Manutenção de Trajes Para a Cena.

RESUMO: A presente proposta de comunicação tem como objetivo refletir sobre práticas artísticas performativas na contemporaneidade por via de uma abordagem intitulada “texto pele” ao articular diálogos no campo do sensível pelo entrecruzamento das linguagens cênicas em processos intertextuais. Pretende-se investigar as textualidades/imagens oriundas da vestimenta teatral na cena contemporânea a partir do “texto pele” inscrito na “superfície pele”, uma superfície de autoinscrição, como um texto, mas um texto particular, pois seria o único a produzir odores, sons e a incitar o tocar. Pensar o figurino teatral como um “texto pele” a hibridizar-se com as camadas genuínas da pele corpórea, portadora de densidades textuais, escrita involuntária e linguagem própria potencializa a criação de partituras corporais subjetivas. Entendido como discurso prático propagador de espaços de subjetivação o “texto pele” engendra narrativas, produz dinâmicas, desconstrói e reelabora as práticas de criação artística contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Pele, Corpo, Figurino, Teatro, Criação.

ABSTRACT: The communication intends to reflect on the practices of the performing arts in the contemporary world through the approach called "text of the skin", articulating dialogues in the field of the sensitive by the articulation of the scenic languages in the intertextual processes. It is intended to investigate the textualities / images derived from theatrical costumes in the contemporary scene of the "skin text" inscribed on the "surface of the skin", a self-inscription surface, as a text, but a specific text, because it would be the only produce odors, sounds and incite you to touch. Think of the theatrical costumes as a "skin text" to hybridize with the genuine layers of body skin, bearers of textual densities, unwritten writing and language itself potentiates the creation of bodily subjectivities. Understood as a practical discourse that propagates spaces of subjectivation, the "text of the skin" engenders narratives, produces dynamics, deconstructs and re-elaborates the practices of contemporary artistic creation.

KEYWORDS: Skin, Body, Costume, Theater, Creation.

[1] Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (ewertonrangel@hotmail.com)

[2] Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas e Espetaculares e do CRUOR Arte Contemporânea. (narasalles@hotmail.com)

Este texto transcorre sob os procedimentos de criação de figurinos teatrais e performatividades[3] da pesquisa "O Texto Pele", orientada pela segunda autora e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGArC/UFRN, no qual se integra como artista-pesquisador o primeiro autor deste artigo. O tema "texto pele" surgiu quando aconteceu o contato com os estudos sobre arte e cultura contemporânea do sociólogo e professor de estética Henri-Pierre Jeudy (2002). Em *O corpo como objeto de arte*, o autor trata a pele como uma superfície de registro dos sinais da aparência, um "existir" que se dá a ler, a ver e a tocar. Tais conceitos despertaram para a possibilidade de repensar as práticas de criação de roupas e composições de vestimentas para teatro, espetáculos de dança, performances musicais e cinema do primeiro autor.

As questões que envolvem criação de figurinos apontam para uma vertente pouco explorada no campo das Artes Cênicas. Os estudos sobre figurino, geralmente, são de cunho histórico e ou semiótico, restringindo-se as análises e catalogação dos trajes da cena já concebidos. Propomos uma investigação de processos de criação de figurinos por meio das textualidades originárias da pele corporal, que exalta a teatralidade do corpo do *performer*/artista.

Na representação corporal[4] Jeudy cogita a possibilidade de o invólucro exaltar as formas do corpo para tornar-se "superfície com relevo próprio". A pele como o próprio autor afirma é "uma superfície de autoinscrição, como um texto, mas um texto particular, pois seria o único a produzir odores, sons e a incitar o tocar" (2002, p. 84). E no momento em que ela "retira do corpo seu status de objeto, (...) ela não é mais percebida como o invólucro das formas. Tal qual uma superfície com seus próprios relevos, ela transforma o corpo-objeto em corpo-texto" (2002, p. 84). Sob este ponto de vista, o corpo-texto incorporado à escritura cênica, operacionaliza fragmentos ao emitir textualidades múltiplas decorridas das vestimentas-figurinos justapostas em

[3] O termo engloba "desde influências da body-art nos ano 60-70, passando pelas diversas experiências performáticas e políticas de performers individuais como Marina Abramovic e Joseph Beuys, até a contemporaneidade" (OLIVEIRA E ALEIXO, 2013, p.121).

[4] A representação corporal enquanto metáfora do corpo segundo Jeudy "é por um instante suspensa pelo ato de ver ou de tocar as pequenas saliências dérmicas."(2002, p.84).

camadas. Quando criamos interferências sobre a pele primeira: epiderme[5], o que Jeudy denominou de "invólucro do corpo", uso de vestes, pinturas corporais, procedimentos de camuflagem, "orquestra-se uma cena polifônica e polissêmica apoiada na rede, no hipertexto, na plurissagem, nos fluxos e suportes em que a narrativa se organiza pelos acontecimentos cênicos (...)" (COHEN, 2013, p.24). É o que chamaremos de escritura em camadas, sempre a partir de uma pele primeira.

A aderência de camadas de vestes a pele primeira do corpo do ator/*performer* pode ser abordada de diferentes maneiras. Baseando-se na obra de Dondis (2003, p.51-83), Castilho e Martins concluíram que: "No caso do texto visual, trabalhamos predominantemente com as categorias da expressão denominadas de *cromática* (relativo à cor), *eidética* (relativo à forma), *topológica* (relativo a espaço ou à sua organização) e *matérica* (relativo à matéria)" (2005, p. 80). As categorias estabelecidas pelos autores para o texto visual registram uma escrita em camadas denominada "texto pele", originária de um linguajar espiralado propulsor de linguagens híbridas. Deste modo, os "textos peles" agenciam os diálogos por via de uma cena de intensidades propensa a experimentação enquanto percurso criativo. Mediante tais observações, podemos tratar o "texto pele" em camadas como um texto visual, portador de materialidade[6] expressiva geradora de sentidos.

Entendido como discurso prático o "texto pele" engendra narrativas ao produzir dinâmicas corporais performativas. Referindo-se a composição do corpo, Castilho e Martins afirmam:

---

[5] Citando Nietzsche, Jeudy coloca que a epiderme tem por função esconder a "feiúra" do interior do corpo: "o que há de esteticamente ofensivo no interior do homem sem epiderme: massas sangrentas, intestinos carregados de excrementos, vísceras, todos esses monstros que sorvem e aspiram e sugam, informes ou feios ou grotescos, e dos mais terríveis ao olfato" (2002, p.122). O que Jeudy chama de "feiúra" é a degeneração do corpo em estado de putrefação. Segundo ele a arte não deve nos revelar essa verdade orgânica.

[6] Castilho e Martins pontuam que "é possível explorar um estudo do corpo como manifestação significativa em relação aos níveis *endodérmico, epidérmico e extradérmico*, sobre os quais repousa a materialidade primeira desse corpo" (2005, p. 93). Qualquer camada de pele posterior a pele primeira (epiderme) será considerada "extradérmica" por esta abordagem. Tecidos e não tecidos são superfícies materiais que frequentemente revestem corpos artísticos. (o tecido tramado por inúmeros fios constrói padrões têxteis do tipo: tela, sarja, cetim, já o não tecido são fibras soltas ou partículas aglomeradas por uma espécie de liga, é o caso dos tnts, emborrachados e as superfícies naturais (peles, películas), unidas por uma liga orgânica. As superfícies naturais podem ser fiadas, transformadas em fios, e posteriormente tecidas.)

> Uma das principais características da comunicação humana é a de dotar nosso corpo de significação e, consequentemente, de linguagens que são potencializadas por meio de interferências, assim como pela sobreposição de materiais, que permitem a construção de novas formas e volumes que alteram seu significado, ressemantizando-o ou, em outras palavras, dando novos valores a ele (2005, p. 35).

Pensar o figurino como um “texto pele” a hibridizar-se com as camadas genuínas da pele corpórea, portadora de densidades textuais, escrita involuntária e linguagem própria faz dos trajes e adornos utilizados pelo ator/*performer* (criador-atuante), encenador/criador (acúmulo de autoria), receptor/autor (por via de interatividades), potencializadores das significações geradas pela escritura corporal. Neste caso, o corpo “apresenta-se em conjunção plena com o traje pelo ajuste do material sobreposto a ele” (CASTILHO E MARTINS, 2005, p. 101). Logo, novas formas e dimensões podem surgir por meio das relações estabelecidas. Superpõem-se camadas de peles ocasionando o surgimento de narrativas simultâneas, híbridas, polissêmicas e pulsionais. O texto essencial da pele-primeira-epidérmica é reescrito, reelaborado, refeito quando somado as textualidades múltiplas das peles e imerso na *poiesis* do corpo, dentro de uma perspectiva de linguagem. Segundo Castilho e Martins, “o corpo causa impacto perante o grupo em que se insere, revelando uma presença que dialoga com o contexto que o circunda.” (2005, p. 93). E são esses impactos gerados pela hibridação das múltiplas camadas de texto no contexto da cultura e da criação artística que iremos investigar.

Sobre a forma como os “textos peles” são lidos e interpretados através da interação com seus conteúdos imagéticos e visuais, Xavier, em *Simulação e ponto de vista*, dirá que “toda leitura de imagem é produção de um ponto de vista: o do sujeito observador, não o da “objetividade” da imagem.” (1988, p. 379). Deste modo, a carga subjetiva gerada na relação corpo-pele-traje acontece por meio das vivências e experiências com a totalidade das peles. Este estudo revela-se nas textualidades-peles. As materialidades das peles são ativadas para produzir significações junto à rede de percepções do sensível (físico-psíquico). As experiências sensoriais decorrentes do contato com as textualidades/imagens-peles podem ser analisadas no acúmulo das

significações geradas, impactos artístico-culturais ou meras tentativas de “(...) apreensão das qualidades daquilo que se faz presente aos sentidos” (SANTAELLA, 2008, p.35). Santaella afirma ser o desafio do artista: “o de enfrentar a resistência ainda brutas dos materiais e meios do seu próprio tempo, para encontrar a linguagem que lhes é própria, reinaugurando as linguagens da arte” (2008, p. 36). Não restam dúvidas quanto ao desafio de construção de uma imagem híbrida corpo-pele-traje ancorada na representatividade da cena contemporânea.

Ao afirmarem que o teatro impôs “certos paradigmas” frente à criação, Rojo, Moura e Ferracini procedem dizendo: “criou-se uma série de interdições que podem estar ligadas diretamente com o fortalecimento de poderes e é claro com separações de quem pode ou não dizer, expressar ou criar no teatro.” (2013, p. 181). Buscou-se um método onde o dizer, o expressar e o criar permeiam todas as etapas das proposições da encenação por via da investigação dos figurinos para teatro, especificamente pela abordagem dos “textos peles”. Os procedimentos de criação e operacionalização sugeridos trafegam sem as hierarquias clássicas texto-autor-narrativa e a cena configura-se nas textualidades visuais geradas pelos figurinos peles, consequentemente imagens/textos, imprescindíveis para a reflexão e escrituração dos “textos peles”.

A criação de discursos narrativos articulados em torno das vestes, da prática cênica experimental, dos processos colaborativos, recriando figurinos-peles de diferentes materialidades para proporcionar um número extenso de vaiáveis abertas e possibilidades de experimentação para refletir acerca do fazer cênico, a priori figurinos para teatro, propõe pensar os figurinos não como um complemento e ou acessório de cena, mas propulsor-impulsionador, parte integrante da mesma. Desta maneira, alargar o conceito de figurino no campo das Artes Cênicas por meio de um estudo pautado nas encenações-experimentos atreladas à cena contemporânea para tecer narrativas e dialogar com as textualidades provenientes dos corpos-peles-trajes é fundamental.

Para tanto, apoiados nas textualidades/imagens-peles propomos exercícios práticos de criação a exemplo dos Parangolés[7] (tendas e capas de vestir) de Hélio Oiticica (1937-1980) e dos modelos-trapos e molambos de indigência ostentatória criados na década de 1980 pelos japoneses Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo, que segundo Baudot (2002) evocam o fim do mundo, Hiroshima, ou a influência do movimento punk, pressupondo uma vestimenta às avessas, criativa e interativa.

As influências, ocorrências, provocações e estímulos nos procedimentos criativos que tentamos relatar são múltiplas. Elas encontram na expressividade do corpo um ponto de convergência e dissipação da criação artística. Os conceitos abordados aqui estão atrelados a livre experimentação dos trajes-peles e visam difundir a lógica do vestir conceitual, reconhecendo a arte produzida na contemporaneidade. As proposições cênicas partem do princípio de desconstrução da vestimenta performatizada no corpo do ator/*performer*, a fim de descobrir e expressar textualidades pouco comuns.

BIBLIOGRAFIA

ALEIXO, F.; OLIVEIRA, A. M. **Questões sobre performatividade, teatralidade e presença**; ROJO, S.; MOURA, J.; FERRACINI, R. **Micropolíticas da criação**. In: BEIGUI, A.; BRAGA, Bya (org.). **Treinamentos e modos de existência**. Natal: Editora da UFRN, 2013.

BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac&Naif, 2002.

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **Discursos da Moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

COHEN, Renato. **Work in Progress na Cena Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

[7] PARANGOLÉ . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3653/parangole>. Acesso em: 15 de Mar. 2017.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução de Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **A estética das linguagens líquidas**. IN: ARANTES, Priscila. SANTAELLA, Lucia (orgs.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.

XAVIER, Ismail. **Cinema: revelação e engano**. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.